

“A DANÇA E O TEATRO NUNCA SE SEPARARAM”



DIANA FERREIRA

Isabel Barros esteve na fundação do Balletteatro e, actualmente, faz parte da direcção

Isabel Barros já trabalhou como coreógrafa, intérprete, programadora e formadora. Actualmente, faz também parte da direcção do Balletteatro e assume-se como uma apaixonada por aquilo que faz. A longa carreira que já tem na dança e no teatro não a impede de ter outros sonhos.

Diana Ferreira

Como surgiu a sua paixão pela dança e pelo teatro?

Quando era pequenina fui ao ortopedista e ele detectou um problema nos pés e aconselhou a que fizesse aulas de dança. Comecei com oito anos a fazer aulas de dança clássica e foi paixão à primeira vista, porque logo na primeira aula senti-me super confortável naquele meio. Senti que havia qualquer coisa naquela aula e especialmente tive uma professora fabulosa, que sabia transmitir essa paixão pelo que estava a fazer.

A partir daí nunca mais deixei a dança e, na altura de optar, sem dúvida, que era aquilo que estava mais dentro de mim e, eu sentia que podia fazer disso uma forma de estar na vida. Ao longo dos anos, as coisas foram evoluindo, fui fazendo cursos fora, depois fiz o curso superior de teatro e, a partir daí o teatro começou a aparecer com uma importância muito grande na minha vida. As coisas nunca mais se dissociaram, a dança e o teatro nunca se separaram, foram sempre a par, ainda hoje estão a par [risos].

Sentiu algum tipo de influência quando teve que optar por esta área?

Não, foi uma coisa que foi descoberta naturalmente. Todo o ambiente

inicial foi tão impulsionador que eu acho que acabou por ser um motor muito forte para a decisão final.

Antes de ter descoberto a dança e o teatro, qual era a profissão que sonhava ter?

Eu acho que durante a infância e até chegar a altura de decidir áreas, havia várias coisas em que eu via possibilidades de estar no futuro a fazer. Podia fazer qualquer coisa ligada à escrita, porque foi uma coisa que eu sempre gostei muito e, também pelo trabalho, apesar de tudo criativo. E, por outro tipo de fascínio, um trabalho mais ligado à psiquiatria, a uma área mais ligada à mente.

Há algum momento marcante na sua infância?

Essencialmente tinha a sensação de crescer de uma forma não castradora, em que o acesso às coisas não sendo imediato, era sempre possível. Pelo facto de ter uns pais com uma mente menos formatada, nunca tive aquela sensação de estar encerrada, presa a ideias, ou ter que seguir determinadas coisas.

De alguma maneira isso permitiu que o crescimento fosse livre, tive uma sensação de crescimento com muita liberdade do ponto de vista do pensar, pensar o futuro, que é muito boa.

Neste trabalho que acabei por seguir, foi uma maneira de ter feito determinadas opções naquela altura que não eram evidentes em termos familiares, a maior parte das pessoas não encaravam bem seguir carreiras na dança ou no teatro. Apesar de tudo, não houve nada que impedisse essas coisas de acontecerem, pude fazer uma série de coisas que se calhar para muitas pessoas podia não ter sido possível.

“Comecei com oito anos a fazer aulas de dança clássica e foi paixão à primeira vista”

Estudou teatro no Porto. Existem boas escolas de teatro na cidade ou ainda existe aquele preconceito que as melhores escolas e as melhores oportunidades só se encontram em Lisboa?

No porto existem quatro escolas de teatro, é uma cidade exemplar desse ponto de vista, duas escolas profissionais, uma delas é o Balletteatro, e duas escolas superiores, o ESMAE e a ESAD. Há uma oferta em termos de teatro bastante diversa.

O preconceito existe claramente, não da minha parte, existe das pessoas de fora relativamente ao que se faz cá, agora o trabalho que se faz cá

tem uma competência ao nível do que se faz em Lisboa e que está ao nível de outros sítios.

Acho que essa questão tem a ver com questões culturais e de mentalidades da cidade, no Porto as coisas parecem abertas, mas não são assim tanto. Há sempre aquele lado que o que é de cá não é sempre acarinhado porque se calhar não é tão bom. Mas este é um preconceito a combater.

No Porto existem tantas possibilidades de emprego nesta área como em Lisboa?

Em termos de possibilidades de emprego, há muito mais numa cidade maior. Quanto maior for a cidade, mais propostas há de criadores independentes, não no formato de companhia, porque esse formato de dança neste momento praticamente não existe, no sentido de ter pessoas a trabalhar a tempo inteiro numa companhia. Isso é um problema em geral, não só no país. Na dança contemporânea, as pessoas trabalham por projectos e não ao longo de um ano, dois anos ou três anos, são essencialmente trabalhadores intermitentes, têm trabalho só durante um tempo.

Em termos de propostas claramente há mais trabalho em Lisboa, mas também o número de pessoas disponíveis para trabalhar é maior, por isso estas coisas são um pouco relativas. Há sempre a possibilidade de criação de novos projectos, e aí depende muito do impulso e da capacidade individual de avançar.

Estudou dança contemporânea em Paris. Sentiu necessidade de sair de Portugal para ter uma melhor formação nessa área?

Sim, senti claramente que teria que ir por dois motivos. Um para me afastar do lugar onde eu estava, para fazer uma pausa e poder reflectir um pouco sobre isso. Por outro lado, para poder trabalhar com pessoas que eu sabia que, à partida, não conseguia se ficasse cá.

É uma oportunidade enorme. Paris é uma referência muito grande, principalmente nos anos 90, que foi na altura em que eu estive lá, foi uma referência, não só a nível das aulas e de todo o trabalho prático que fiz, mas também da quantidade de espectáculos que vi. Foi um enriquecimento brutal que aqui demoraria muito mais tempo, porque não há a mesma oferta por exemplo ao nível dos espectáculos. Na altura vi criadores que me

marcaram imenso e coreógrafos que ainda não tinham vindo a Portugal.

É uma descoberta rápida, e na altura em que estive nem sequer havia internet, parece que não, mas faz uma grande diferença. Agora se quisermos mostrar alguma coisa aos estudantes de dança ou de teatro, então fazemos uma pesquisa e, rapidamente as pessoas se informam e têm acesso. Naquela altura, sem internet, conhecer o mundo passava mesmo por conhecer em directo, a televisão não fazia chegar quase nada. Portanto, a necessidade de viajar, se calhar era muito maior do que agora.

"Ao contrário do que as pessoas pensam, são áreas muito exigentes em termos de disciplina, em termos de rigor e em termos de técnica"

Quem são os seus grandes ídolos?

Tenho vários, o Charlin Chaplin por exemplo é um dos meus ídolos, a Pina Bausch sem dúvida é uma referência muito forte, e depois há outros, mas são pessoas sempre assim deste género e com este peso. O Manuel de Oliveira, por exemplo.

Portanto, são pessoas que têm um trabalho de autor tão profundo e tão genuíno que me faz ter uma admiração muito grande.

Que outras paixões tem para além da dança e do teatro?

Eu gosto imenso de viajar [risos], para não falar da minha paixão enorme pela família, porque essa é uma paixão de coração. Gosto imenso de ioga e de desportos aquáticos.

Esteve na fundação do Balleteatro, onde é membro da direcção, quais são os principais objectivos deste projecto?

Este projecto foi-se alterando ao longo dos anos, foi crescendo.

A missão, que é sempre muito fortalecida é, numa cidade onde não havia nada nesta área da dança contemporânea e do teatro, ter sido criado um centro onde é possível trabalhar ao nível da formação, quer profissional, quer mais de sensibilização artística, com as crianças e com os adultos por exemplo. Muito numa vertente profissional também e com uma escola profissional.

Depois um centro de encontro de artistas, onde há um trabalho muito forte ao nível das residências de artistas. Temos um espaço inclusive onde as pessoas podem habitar e

trabalhar em simultâneo, o espaço de rotação de espectáculos, programação de dança, de teatro, de cruzamentos, de multidisciplinas. É um espaço que tem um trabalho de autor muito forte, também da Ana Barros e o meu.

É essencialmente um centro de cruzamento e um centro onde há uma diversidade muito grande pelo tipo de encontros que é possível ter, porque há muitos artistas profissionais de várias áreas, há os alunos, há o cruzamento entre a dança e o teatro. É um lugar de grande contaminação.

Acha que o Balleteatro já se tornou uma instituição capaz de dinamizar e promover a cultura no Porto?

Sem dúvida, porque já formamos tantas pessoas, essas pessoas já estão a fazer trabalho profissional com outras pessoas. Existem gerações, isto falando apenas da escola profissional, que já formaram realmente bons profissionais que neste momento trabalham com companhias, que têm projectos, quer aqui, quer em Lisboa, quer em outros sítios do país. Já para não falar daquele público mais anónimo que vai só ver os espectáculos, que se vai multiplicando obviamente. Mas a quantidade de pessoas ao nível da formação ao longo destes anos é imensa, e isso, é uma espécie de uma rede que não pára. Sem dúvida que é uma importante contribuição para a existência de público e público informado.

exigentes em termos de disciplina, em termos de rigor e em termos de técnica. E se um actor ou um bailarino não domina as técnicas nunca poderá trabalhar, quer dizer, pode trabalhar com a sua intuição, mas isso atinge um limite. Enquanto se ele tiver técnicas, intuição, talento, uma série de coisas, tem camadas para se apoiar e poder fazer um trabalho, que pode dar resposta a diferentes exigências, porque é disso que se trata.

Portanto, um criador que faz um projecto performativo, quer encontrar um intérprete com capacidades diversas, não quer encontrar uma pessoa que só sabe debitar texto. Para isso, tem que existir uma formação que lhe permita dar resposta a diferentes propostas de autores.

Está satisfeita com os resultados que o Balleteatro, obteve até agora?

Nós somos sempre insatisfeitos nesta área, ou pelo menos eu sou, completamente. A minha forma de estar é uma forma inquieta, perante o projecto e perante o meu trabalho. Nunca estou estabilizada no sentido de dizer assim, agora está tudo bem.

Nenhumano é igual ao outro, não

pontual, em relação a algumas coisas, a um projecto que correu bem. Há uma satisfação, os alunos que obtiveram determinado nível, há essa satisfação, mas é tudo muito pontual. Diariamente há uma inquietação em relação a tudo o que está a acontecer.

"Um criador que faz um projecto performativo, quer encontrar um intérprete com capacidades diversas"

Como surgiu o projecto Balleteatrinho?

É um bebé [risos]. Eu sempre gostei muito do trabalho com as crianças e, já há muitos anos que não fazia nenhum programa para crianças. Na altura que pensei no Balleteatrinho, a ideia é quase a do Balleteatro, mas para os mais pequeninos. Portanto, como não perder a ideia total do projecto e conseguir oferecer, dentro do mesmo formato, aos mais novos. Daí ser Balleteatrinho, porque acaba por ser um espaço onde os miúdos conseguem realmente tocar uma série de coisas, todas as coisas que fazem parte da filosofia do próprio Balleteatro. Sendo um programa para os mais pequeninos, ele conserva em absoluto a filosofia do Balleteatro na sua diversidade.

É um programa muito especial para sensibilizar, mas principalmente para deixar que os miúdos possam experimentar coisas relacionadas com as áreas que nós normalmente incluímos nos projectos.

Recebeu o prémio Almada atribuído ao Balleteatro. É bom sentir que começa a haver reconhecimento por este projecto?

Claro, isso é fantástico. Na altura esteve muito relacionado com a programação que fizemos, porque o Balleteatro foi um espaço que teve uma importância muito grande ao nível da afirmação da dança no Porto. O reconhecimento pelo trabalho desenvolvido é algo que toda a gente quer, é muito gratificante.

A nível pessoal recebeu o primeiro prémio Giros, promovido pela Associação Promoção Novos Artistas. Como é ver o seu trabalho reconhecido e valorizado no seu país?

Isso foi uma surpresa, porque foi um trabalho com pessoas com deficiência mental e que me deu um prazer enorme. Elaboramos um trabalho coreográfico onde tinha pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência e era essa mistura que resultava num



DIANA FERREIRA

Isabel Barros é uma apaixonada por aquilo que faz

O Balleteatro também tem uma escola. Acha que é importante para um artista ter uma boa formação académica?

Eu acho absolutamente fundamental, porque ao contrário do que as pessoas pensam, são áreas muito

existe rotina. Há sempre uma permanente inquietação relativamente ao que se está a fazer e há um colocar em causa, e isto não está bem e perceber porque não está bem. Portanto, há sempre uma série de questões que fazem com que haja satisfação, mas

trabalho, numa poesia que eu gostei muito de fazer.

Para mim foi uma surpresa porque não contava nada, ou melhor, não tinha criado esse objecto com nenhuma expectativa. Foi um prémio que foi mais para eles do que para mim, porque acho que a generosidade e a entrega das pessoas com deficiência, neste caso com paralisia cerebral, é tão grande, bem maior que o normal. É uma entrega de duzentos por cento nas coisas que faz uma diferença enorme. Portanto, ao receber esse prémio senti que não era tão para mim, mas mais para eles e isso deu-me imenso gosto, aliás, efectivamente, o prémio financeiro foi mesmo para eles e com todo o gosto.

"Nenhum ano é igual ao outro, não existe rotina."

Como classificaria a colaboração que mantém com o Teatro de Marionetas do Porto?

A minha relação com o Teatro de Marionetas do Porto é muito longa e praticamente colaborei em todos os espectáculos do João Paulo. É uma relação que começou por ser experimental, fizemos um primeiro trabalho de cruzamento entre o teatro de marionetas e a dança, e isso despertou uma vontade imensa de fazer outras coisas e, a partir daí fiquei sempre como colaboradora do Teatro de Marionetas.

Colaborei em quase todos os espectáculos, era uma coisa quase natural porque acompanhava os projectos e portanto, num determinado momento entrava sempre para trabalhar o ponto de vista do movimento, da coreografia. Foi um trabalho muito natural, quase que sempre em paralelo com o outro trabalho que fiz, e sempre um trabalho muito apaixonante, principalmente, por ser um trabalho com o qual eu sempre me identifiquei desde o primeiro momento.

Considera-se uma artista polivalente por estar envolvida em projectos muito diferentes entre si?

Essa palavra é um pouco estranha [risos], porque polivalente é ter várias valências e eu não sou assim tão versátil. Acho que consigo entrar e trabalhar em determinados projectos, mas não em tantos quanto gostaria. Há uma questão de afinidade e empatia artística que para mim é necessária existir para conseguir, por exemplo, fazer um trabalho de colaboração com outra pessoa.

Nos meus trabalhos procuro não estar sempre fixada numa única coisa e tento ter colaboradores diferentes,

mas sou muito fiel a determinados princípios. Portanto, polivalente acho que não, versátil eventualmente, mas acho que não conseguiria trabalhar na maior parte dos registos.



O Balleateatro situa-se na Ribeira

Acho que é importante para um artista não se limitar a determinadas áreas e a tentar expandir-se?

Acho que depende muito daquilo que nós estamos a projectar em relação a nós próprios. Eu acho que neste momento, com a quantidade e diversidade que existe no mundo em termos gerais, é impossível alguém ficar fechado, há uma necessidade de recebermos informações de muitos lados, agora não acredito que seja possível aperfeiçoarmos determinadas coisas em muitas áreas, até porque não há muito tempo. Acho perfeitamente natural que haja pessoas que façam um percurso com uns limites maiores ou mais pequenos.

Também é professora no Balleateatro, na Escola Superior Artística do Porto e na Escola Profissional de Música de Espinho. Como consegue gerir o seu tempo entre aulas, ensaios, espectáculos e tendo ainda a direcção do Balleateatro?

Normalmente tento sempre que o meu calendário seja feito, de forma a, que as coisas não se sobreponham. Nunca faço uma coisa durante o ano todo, imaginemos, dou aulas em blocos

de três meses ou quatro, e quando estou a fazer isso não faço mais nada.

Tento gerir o tempo, porque há coisas que são verdadeiramente incompatíveis do ponto de vista

DR

Olívia sentia imenso isso, sentia que não estava a mostrar-lhes nada, mas estava a brincar com eles quase. Lembro-me de uma cena em que eu estou a deitar a Olívia, que é uma porquinha, e a cobri-la com um cobertor e um miúdo que estava a dois metros de mim disse-me: "Eu tenho um cobertor igual a esse" [risos]. Portanto, essa coisa carinhosa, que é ele rompe aquela barreira do espectáculo e fica ali comigo, quase podia vir ajudar-me a cobrir. Com os miúdos acho que se consegue ter essa proximidade que é muito especial que, às vezes, não se consegue ter com os adultos.

Sente-se feliz e concretizada com o seu percurso profissional?

Sinto-me realizada com todo o trabalho que fiz até agora, sem dúvida. É um trabalho cheio, pleno, que continua a fazer sentido ao fim destes anos. Há uma rotatividade constante e há sempre um renovar de pessoas que faz com que nada se esgote, é um trabalho muito rico.

"Com os miúdos acho que se consegue ter essa proximidade que é muito especial que, às vezes, não se consegue ter com os adultos"

Ainda tem sonhos que gostava ver realizados na sua vida profissional?

Há, quero ainda fazer objectos pequeninos ainda [risos], num formato que ainda vou descobrir qual é o melhor. Quero que sejam objectos pequenos, sem grandes impactos no exterior, mas que possam circular de terra em terra, uma coisa quase ambulante [risos]. Essa sensação de vida itinerante é qualquer coisa que me agrada.

E a nível pessoal?

Agora, com a morte do João Paulo, está tudo desfeito, está tudo a re-fazer-se. A nível pessoal acho que não há nada a fazer, há que viver esta vida diferente que vou ter a partir de agora.

Se pudesse definir aquilo que faz numa palavra, qual usaria?

Neste momento só consigo lembrar-me da palavra amor.

É gratificante sentir essa aproximação às crianças?

Sim, acho fantástico. É um pouco como os espectáculos para crianças, sempre gostei dessa relação, porque é como estar ali a brincar com eles ao mesmo tempo. Quando eu estava a fazer o espectáculo